

AUTORA BEST-SELLER MUNDIAL

ANNATODD

MESMA AUTORA
DA SÉRIE *AFTER*

Stars

AS
ESTRELAS
ENTRE **NÓS**



Copyright ©2018, Anna Todd
Copyright ©2018, The Brightest Stars by Anna Todd
Publicado em acordo com Bookcase Literary Agency
Tradução para Língua Portuguesa ©2018, Regiane Winarski
Todos os direitos reservados à Astral Cultural e protegidos
pela Lei 9.610, de 19.2.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora.
Este livro foi revisado segundo o Novo Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa.

Editora responsável Tainã Bispo
Produção editorial Aline Santos, Bárbara Gatti, Fernanda Costa,
José Cleto, Luiza Marcondes e Natália Ortega
Preparação de texto Luciana Bastos Figueiredo
Revisão Juliana de A. Rodrigues
Fotos Valorie Darling (Foto Anna Todd) e Shutterstock Images
Capa Marina Avila

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

T568e Todd, Anna
Stars – As estrelas entre nós / Anna Todd ; tradução
de Regiane Winarski. — Bauru, SP : Astral Cultural, 2018.
304 p.

Título original: The brightest stars
ISBN: 978-85-8246-783-1

1. Literatura infantojuvenil 2. Transtorno de estresse
pós-traumático - Literatura infantojuvenil I. Título II.
Winarski, Regiane

18-1604

CDD 028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil



ASTRAL CULTURAL É A DIVISÃO LIVROS
DA EDITORA ALTO ASTRAL.

BAURU
Rua Gustavo Maciel, 19-26
CEP 17012-110
Telefone: (14) 3235-3878
Fax: (14) 3235-3879

SÃO PAULO
Alameda Vicente Pinzon, 173
4º andar, Vila Olímpia
CEP 04547-130
Telefone: (11) 5694-4545

E-mail: contato@astralcultural.com.br

Playlist

- “One Last Time” — Ariana Grande
- “Psycho” — Post Malone (feat. Ty Dolla \$ign)
- “Let Me Down Slowly” — Alec Benjamin
- “Waves” — Mr. Probz
- “Fake Love” — BTS
- “To Build A Home” — The Cinematic Orchestra
- “You Oughta Know” — Alanis Morissette
- “Ironic” — Alanis Morissette
- “Bitter Sweet Symphony” — The Verve
- “3AM” — Matchbox Twenty
- “Call Out My Name” — The Weeknd
- “Try Me” — The Weeknd
- “Beautiful” — Bazzi
- “Leave A Light On” — Tom Walker
- “In the Dark” — Camila Cabello
- “Legends” — Kelsea Ballerini
- “Youngblood” — 5 Seconds of Summer
- “Want You Back” — 5 Seconds of Summer

1

Karina, 2019

O vento sopra pelo café cada vez que a velha porta de madeira se abre. Está estranhamente frio para setembro, e tenho quase certeza de que é algum tipo de punição do universo por eu ter aceitado me encontrar com ele logo hoje. O que eu estava pensando?

Mal tive tempo de passar maquiagem nas olheiras inchadas. E a roupa que estou usando... Quando foi a última vez que viu a máquina de lavar? De novo, em que eu estava pensando?

Agora, estou pensando que minha cabeça está doendo e não tenho certeza se tenho remédio na bolsa. Também estou pensando que foi inteligente escolher a mesa mais perto da porta, assim posso fugir rapidamente se precisar. Este lugar no meio de Edgewood? Neutro e nem um pouco romântico. Mais uma boa escolha. Vim aqui poucas vezes, mas é meu café favorito em Atlanta. Os lugares são limitados, apenas dez mesas, acho que querem estimular uma alta rotatividade. Há uns dois detalhes dignos do Instagram, como a parede de suculentas e os azulejos pretos e brancos atrás dos baristas, mas o restante é bem sóbrio. Só cinza e concreto para todo lado. Liquidificadores barulhentos misturam folhas de couve com pedaços da fruta que está na moda.

Só tem uma porta barulhenta: um caminho para entrar e sair.

Olho para o celular e seco as palmas das mãos no vestido preto.

Ele vai me abraçar? Apertar minha mão?

Não consigo imaginar um gesto tão formal. Não vindo dele. Droga. Estou ficando nervosa de novo, e ele ainda nem chegou. Pela quarta vez hoje, consigo sentir o pânico na boca do estômago, e percebo que todas as vezes que fantasio nosso reencontro, eu o vejo como na primeira vez em que botei os olhos nele. Não tenho ideia de qual versão dele vou encontrar. Não o vejo desde o inverno passado e nem imagino quem ele é agora. Pensando bem, algum dia eu soube?

Talvez eu só tenha conhecido uma versão dele, uma forma luminosa e oca do homem que estou esperando. Acho que eu poderia tê-lo evitado pelo resto da vida, mas a ideia de nunca mais o ver parece pior que estar sentada aqui. Pelo menos sou capaz de admitir isso. Aqui estou, esquentando as mãos em uma xícara de café, esperando que ele entre pela porta barulhenta depois de jurar para ele, para mim e para quem quisesse ouvir nos últimos meses que eu jamais...

Ele não chega nos primeiros cinco minutos, mas, se for o homem de quem me lembro, vai entrar atrasado, com aquela testa franzida.

Quando a porta se abre, é uma mulher que aparece. O cabelo loiro é um ninho preso no alto da cabeça, e ela está segurando um celular junto à bochecha vermelha.

— Estou cagando, Howie. Dá um jeito — diz, rispidamente, afastando o celular com uma série de palavrões.

Odeio Atlanta. Todas as pessoas aqui são como essa mulher, irritadas e apressadas. Nem sempre foi assim. Bom, talvez tenha sido; eu é que não era. Só que as coisas mudam. Amo a cidade, principalmente o centro. As opções para jantar são de outro mundo, e para uma apaixonada por comida que morava em uma cidade pequena... bom, isso por si só foi motivo para mudar para cá. Toda noite tem alguma coisa para fazer em Atlanta, e tudo fica aberto até mais tarde do que na Base Benning. Mas, na época, a maior atração,

para mim, era não ser constantemente lembrada da vida militar. Não havia estampa camuflada em qualquer lugar. Nem homens e mulheres vestindo uniformes militares esperando nas filas de cinema, no posto de gasolina, comprando guloseimas no Dunkin' Donuts. As pessoas falam palavras de verdade, não siglas. E há muitos cortes de cabelo diferentes para admirar.

Eu amava Atlanta, mas ele mudou isso.

Nós mudamos.

Nós.

E é o mais perto que eu chegaria de admitir uma parcela de culpa no que aconteceu.

2

— Você está me procurando?

Só quatro palavras, mas elas caem sobre mim, chocando-se com cada um dos meus sentidos e todos ao mesmo tempo. Ainda assim, há também aquela calma, a que parece se entranhar em mim quando ele está por perto. Levanto o olhar para ter certeza de que é ele, apesar de saber que sim. Ele realmente está parado ao meu lado com os olhos castanhos mirando meu rosto, procurando... Recordando? Queria que ele não me olhasse desse jeito. O lugar está bem lotado, mas não parece. Tinha esse encontro todo planejado, mas ele estragou tudo, e me deixou nervosa.

— Como você faz isso? Não te vi entrar.

Tenho medo de minha voz soar como se eu o estivesse acusando de alguma coisa ou como se estivesse ansiosa, e é a última coisa que quero. Mesmo assim, me pergunto: *como ele faz isso?* Ele sempre foi tão bom no silêncio, em se mover sem ser percebido. Acho que é outra habilidade apurada no exército.

Faço sinal para ele se sentar. Ele desliza na cadeira, e é quando percebo que agora ele deixou a barba crescer. Linhas intensas e precisas marcam suas bochechas, e o contorno do maxilar está coberto de pelos escuros. Isso é novo. Claro que é novo: ele sempre teve que seguir o regulamento. O cabelo e a barba tinham que estar curtos e bem cuidados. Bigodes são permitidos, mas só se forem bem

aparados e não ultrapassem o lábio superior. Ele me contou uma vez que estava pensando em deixar o bigode crescer, mas o convenci a não fazer isso. Mesmo com um rosto como o dele, um bigode ficaria bizarro.

Ele pega o cardápio de cafés na mesa. *Cappuccino. Macchiato. Latte. Flat White.* Preto. Quando tudo ficou tão complicado?

— Você gosta de café agora? — Não tento esconder minha surpresa.

Ele balança a cabeça.

— Não.

Um meio sorriso surge em seu rosto, lembrando-me de por que me apaixonei por ele. Um momento antes, teria sido fácil afastar o olhar. Agora, é impossível.

— De café, não — garante ele. — De chá.

Não está usando casaco, claro, e as mangas da camisa jeans estão dobradas até os cotovelos. A tatuagem no antebraço aparece um pouco, e sei que, se eu tocar a pele dele, vou me queimar. Claro que não vou fazer isso, então olho para cima, sobre seu ombro. Para longe da tatuagem. Para longe da minha imaginação. É mais seguro. Para nós dois. Tento me concentrar nos barulhos no café, para poder me acomodar no seu silêncio. Tinha esquecido como a presença dele pode ser desconcertante.

Mentira. Não esqueci. Queria, mas não consegui.

Ouçõ a garçonete se aproximando, o tênis gemendo no piso de concreto. Ela tem uma vozinha de rato, e quando diz que ele “tinha” que experimentar o novo *mocha* de hortelã, dou uma gargalhada. Ele odeia tudo de hortelã, até pasta de dente. Penso em como ele deixava aquelas bolinhas vermelhas de gosma de pasta de canela na pia da minha casa e em quantas vezes brigamos por isso. Se ao menos eu tivesse ignorado essas pequenas irritações e prestado atenção ao que estava realmente acontecendo, tudo poderia ter sido diferente.

Talvez sim. Talvez não. Sou o tipo de pessoa que levaria a culpa

por qualquer coisa... menos isso. Não tenho como ter certeza.

Não quero saber.

Outra mentira.

Kael diz para a garota que gostaria de um chá preto simples, e tento não rir desta vez. Ele é tão previsível.

— O que é tão engraçado? — pergunta ele quando a garçonete se afasta.

— Nada. — Mudo de assunto. — E então, como você está?

Não sei com que baboseira vamos preencher este encontro no café. O que sei é que vamos nos ver amanhã, mas, como eu tinha que estar na cidade hoje de qualquer jeito, pareceu uma boa ideia passar pelo primeiro encontro constrangedor sem plateia. Um enterro não é lugar para isso.

— Estou bem. Considerando as circunstâncias. — Ele limpa a garganta.

— É — suspiro, tentando não pensar muito em amanhã. Sempre fui boa em fingir que o mundo não está pegando fogo à minha volta. Tudo bem, andei escorregando nos últimos meses, mas durante anos foi algo natural, uma coisa que eu tinha começado a fazer em algum momento entre o divórcio dos meus pais e a minha formatura no ensino médio. Às vezes, sinto que minha família está desaparecendo. Ela está ficando cada vez menor.

— Você está bem? — Sua voz está ainda mais baixa do que antes.

Consigo ouvir da mesma forma que ouvia naquelas noites úmidas em que dormíamos com a janela aberta; o quarto todo ficava coberto de orvalho na manhã seguinte, nossos corpos molhados e grudentos. Amava a sensação da pele quente quando meus dedos dançavam pelos contornos suaves do maxilar dele. Até os lábios eram quentes, febris às vezes. O ar do sul da Geórgia era tão denso que dava para sentir o gosto, e a temperatura de Kael era sempre alta.

— *Hã-hã*. — Ele limpa a garganta, e desperto do devaneio.

Sei o que ele está pensando, consigo ler seu rosto com a mesma

clareza do letreiro em *neon* escrito *But First, Coffee* pendurado na parede atrás dele. Odeio que meu cérebro o associe justo a essas lembranças. Não torna a situação mais fácil.

— Kare. — Ele estica a mão por cima da mesa para tocar na minha. Eu a afasto com tanta rapidez que alguém poderia imaginar que estava pegando fogo. É estranho pensar em como éramos, em como eu nunca soube onde ele terminava e eu começava. Nós éramos tão sintonizados. Tão... tão diferentes do jeito como as coisas são agora. Houve uma época em que ele simplesmente chamaria pelo meu nome e eu daria qualquer coisa que quisesse. Penso nisso por um instante: em como eu daria para aquele homem qualquer coisa que ele quisesse.

Pensei que estava mais avançada na minha recuperação, nessa coisa de “superá-lo”, pelo menos o bastante para não ficar pensando no som da sua voz quando eu tinha que acordá-lo cedo para o treino físico, nem na forma como ele gritava à noite enquanto dormia. Minha cabeça está começando a girar, e se eu não interromper esse fluxo de pensamentos, as lembranças vão me partir ao meio bem aqui, nessa cadeira, nesse café, na frente dele.

Eu me obrigo a assentir e pegar meu *latte* para ganhar tempo, só um minuto para poder encontrar minha voz.

— É. Parece que funerais são comuns para mim.

Não ousou olhar para ele.

— Não tem nada que você pudesse ter feito, no fim das contas. Não me diga que você está achando que poderia... — Ele para de falar, e olho mais intensamente para a parte lascada na minha caneca. Passo o dedo pela cerâmica rachada.

— Karina. Olhe pra mim.

Balanço a cabeça, negando-me a cair nesse buraco de coelho com ele. Não quero isso.

— Estou bem. Falando sério. — Faço uma pausa e observo a expressão no seu rosto. — Não me olhe assim. Estou bem.

— Você está sempre bem. — Ele passa a mão nos pelos do rosto e suspira, encostando-se à cadeira de plástico.

Não é bem uma pergunta nem uma declaração, só é como as coisas são. Ele está certo. Sempre vou estar bem. Aquela coisa de *repetir uma mentira até que vire uma verdade*? Sou mestra.

Que escolha eu tenho?

3

Karina, 2017

Acertei na loteria do emprego. Só era preciso abrir a clínica de massagem às dez, então, na maioria das manhãs, eu podia dormir um pouco mais. E poder andar de casa, no final da rua, até lá, era... um bônus! Eu amava aquela rua: a loja de colchões, a sorveteria, o salão de beleza e a antiquada loja de doces. Tinha economizado meu dinheiro e ali estava, aos vinte anos, na minha rua, na minha casinha. Não na do meu pai. Na minha.

A caminhada até o trabalho levava apenas cinco minutos, o que não era suficiente para deixá-la interessante. Eu passava a maior parte do tempo desviando dos carros. Na viela cabia um pedestre ou um carro. Bom, um Prius ou algum outro carro pequeno caberia com facilidade com um pedestre. Infelizmente, as pessoas da região pareciam preferir picapes grandes, então, na maior parte do tempo, eu me espremia contra as árvores que ladeavam a viela até que os veículos passassem. Às vezes, eu criava histórias na minha cabeça, só um pouco de empolgação antes do meu turno começar. A história do dia era com Bradley, o cara barbudo que era dono da loja de colchões na esquina. Ele parecia ser legal e vestia o que passei a chamar de uniforme de cara legal: camisa quadriculada e calça cáqui. Dirigia uma picape e trabalhava ainda mais do que eu. Todas as manhãs,

quando eu passava para ir trabalhar, ele já estava na loja. Mesmo quando eu fazia turno duplo ou pegava um turno à noite, eu via aquela picape branca estacionada no final da viela.

Bradley tinha que ser solteiro. Não por não ser fofo nem legal, mas porque estava sempre sozinho. Se tivesse esposa e filhos, eu os teria visto pelo menos uma vez nos seis meses desde que me mudei para aquele lado da cidade. Mas não importava se era dia, noite ou fim de semana: Bradley estava sempre sozinho.

O sol brilhava no céu, mas nenhum pássaro cantava. Nenhum caminhão de lixo roncava. Ninguém estava ligando o carro. Havia um silêncio bizarro. Talvez tenha sido por isso que Bradley pareceu um pouco mais sinistro naquela manhã. Olhei para ele com novos olhos e me perguntei por que dividia o cabelo loiro platinado ao meio, por que achava que era uma boa ideia expor uma linha reta de couro cabeludo. O que eu realmente queria saber era aonde ele ia com aquele tapete enrolado na caçamba da picape. Talvez eu tivesse visto episódios demais de *CSI*, mas todo mundo sabia que era assim que qualquer um se livrava de um corpo: bastava enrolar em um tapete velho e jogar nos limites da cidade, não? Quando minha imaginação estava transformando Bradley em um assassino em série, ele acenou para mim e me deu o sorriso mais simpático do mundo, de verdade. Ou talvez ele fosse bom em ser encantador e, na verdade, ia...

Quase me mijei quando ele me chamou.

— Ei, Karina! Não tem água no quarteirão todo!

Os lábios finos viraram uma careta quando ele balançou os braços para mostrar o quanto estava chateado. Parei de andar e levantei a mão para cobrir os olhos do sol forte, que brilhava intensamente, apesar de o ar estar um pouco frio. A Geórgia era tão quente. Achei que tinha me acostumado depois de um ano, mas não. Eu ainda desejava o frio das noites do norte da Califórnia.

— Estou tentando chamar a companhia de água, mas até agora nada. — Ele deu de ombros e mostrou o celular como prova.

— Ah, não. — Tentei imitar seu tom de frustração por causa da água, mas, sinceramente, eu esperava que Mali não abrisse a clínica pelo resto do dia. Eu quase não tinha dormido na noite anterior, então adoraria dormir mais uma hora. Ou vinte.

— Vou continuar ligando — ofereceu ele.

Seus dedos tocaram a fivela de metal do cinto. Ele parecia já estar suando e, quando pegou o tapete enorme na caçamba da picape, quase senti vontade de ajudar.

— Obrigada. Vou avisar a Mali.

4

A porta estava trancada e as luzes, apagadas, até mesmo a luz do corredor que costumávamos deixar acesa. Estava bem gelado lá dentro. Liguei os aquecedores a óleo e acendi as velas no saguão e nas duas salas da clínica.

Meu primeiro cliente só chegaria às dez e meia. Elodie tinha hora marcada apenas às onze. Ela ainda estava roncando quando saí de casa, o que queria dizer que entraria correndo pela porta às onze e dez, abriria um sorriso doce para o cliente e pediria desculpas com aquele sotaque francês fofo. Apenas depois disso ela começaria seu dia.

Elodie era uma das poucas pessoas no mundo por quem eu faria praticamente qualquer coisa. Isso era a mais pura verdade, principalmente porque estava grávida. Ela descobriu sobre o bebê dois dias depois de as botas do marido pisarem em solo afegão. Esse tipo de coisa era normal aqui. Vi acontecer com meus pais, com Elodie... Boa parte das pessoas nesta região sabia que era uma possibilidade. Não só uma possibilidade, mas uma realidade quando se é casada com um militar.

Afastei o pensamento. O lugar precisava de música. Eu odiava silêncio. Recentemente tinha convencido Mali a me deixar colocar música nos alto-falantes enquanto trabalhávamos. Não ia aguentar outro turno de “melodias relaxantes de SPA” sendo repetidas por

quatro horas.

Os barulhos sonolentos de cachoeiras e ondas me irritavam como nenhum outro e me deixavam sonolenta também. Liguei o iPad, e em segundos a voz de Banks estava afastando a lembrança de toda aquela melodia suave e onírica. Então, liguei o computador na recepção. Nem dois minutos depois, Mali entrou com duas bolsas enormes penduradas nos bracinhos.

— O que houve? — perguntou ela quando peguei as bolsas.

— Hmmm, nada? Não vou ganhar nem um *oi*? Ou um *como vai, Karina*? — Sorri e voltei para a salinha dos fundos.

A comida naquelas bolsas estava com um cheiro tão bom. Mali fazia a melhor comida tailandesa caseira que já experimentei, e sempre preparava a mais para mim e para Elodie. Ela nos agraciava com comida pelo menos cinco dias na semana. O abacatinho (era assim que Elodie estava chamando a barriguinha de gravidez) só queria macarrão bem temperado. Eram as folhas de manjerição. Elodie tinha ficado obcecada por elas com a gravidez, a ponto de pegar uma a uma no prato de macarrão para mastigar. Os bebês levam as pessoas a fazerem as coisas mais estranhas.

— Karina — chamou Mali, sorrindo —, como você está? Você parece triste.

Essa era Mali. *O que houve? Você parece triste.* Se estava na cabeça dela, saía pela boca.

— Ei, estou bem. Só não estou de maquiagem. — Revirei os olhos, e ela cutucou minha bochecha.

— Não é isso.

Não era mesmo. Mas eu não estava triste. E não gostei de minha máscara ter escorregado o suficiente a ponto de Mali reparar. Não gostei nem um pouco.

5

Deu dez e meia e meu cliente chegou. Estava acostumada com sua pontualidade, sem contar a sua pele macia. Dava para notar que ele usava óleo depois do banho, e isso tornava meu trabalho mais fácil, massagear óleo em pele já macia. Os músculos estavam sempre tão duros, principalmente em volta dos ombros, e concluí que ele passava o dia atrás de uma mesa. Não podia ser militar, com aquele cabelo compridinho, que fazia cachinhos nas pontas.

Hoje, os ombros estavam tão tensos que meus dedos doeram quando esfregaram a área do trapézio. Ele era do tipo que gemia (muitos clientes gemiam), e fazia uns sons graves e roucos quando eu soltava os nós de seu corpo. A hora passou rápido. Tive que bater no braço dele para acordá-lo quando acabou.

Meu cliente das dez e meia (seu nome era Toby, mas eu gostava de chamá-lo de cliente das dez e meia) dava boas gorjetas e mantinha um clima bom. Menos na vez em que me chamou para sair. Elodie surtou quando contei. Ela queria que eu falasse para Mali, mas não tinha necessidade de que aquilo se tornasse um problema. Ele não se ofendeu com minha recusa (uma coisa incomum nos homens, eu sei) nem demonstrou atração por mim depois disso, e eu achava que as coisas estavam bem entre nós.

Eram onze e quarenta e cinco e ainda nada de Elodie. Normalmente, ela manda mensagem quando se atrasa mais de quinze

minutos. O homem na sala de espera devia ser novo, porque não o reconheci, e eu nunca esqueço um rosto. Ele pareceu tranquilo. Mas Mali não estava. Ela estava a dois minutos de ligar para Elodie.

— Posso atendê-lo se ela não chegar em cinco minutos. Meu próximo cliente pode passar para mais tarde. É a Tina — avisei para Mali. Ela conhecia a maioria dos clientes que entrava e saía da clínica; Mali lembrava de nomes assim como eu lembrava de rostos.

— Tudo bem, tudo bem. Mas sua amiga está sempre atrasada. — Sua voz tinha um tom de reprovação. Mali era uma mulher muito gentil, mas feita de puro fogo.

— Ela está grávida — defendi minha amiga.

Mali revirou os olhos.

— Tenho cinco filhos e sempre trabalhei direitinho.

— *Touché.*

Segurei a gargalhada e mandei uma mensagem para Tina para ver se ela podia vir à uma hora. Ela logo respondeu que sim, como eu sabia que faria.

— Senhor — chamei o homem na sala de espera —, sua terapeuta está um pouco atrasada. Posso começar agora se desejar. Ou o senhor pode esperar Elodie. — Não sabia se ele tinha preferência por ela por algum motivo ou se só queria uma massagem. Como estávamos no Yelp e aceitando agendamentos *on-line*, eu nunca sabia quais clientes queriam uma massagista específica.

Ele se levantou e andou até a recepção sem dizer nada.

— Tudo bem? — perguntei.

Ele hesitou por um segundo antes de assentir. Certo...

— Tudo bem, então... — Verifiquei a agenda. *Kael*. Que nome estranho. — Me siga, por favor.

Nós não tínhamos salas designadas, não tecnicamente, mas eu tinha arrumado a segunda da esquerda de acordo com meu gosto, e era a que eu usava mais. Ninguém mais usava a não ser que precisasse.

Tinha levado meu armário, meus objetos decorativos e estava no processo de convencer Mali a me deixar pintar as paredes. Qualquer coisa seria melhor do que aquele roxo-escuro. Não era exatamente relaxante, e era uma sala sem graça e datada, parecia ser de uns vinte anos antes.

— Pode deixar suas roupas no cabide ou na cadeira — indiquei.
— Pode tirar o quanto o deixar à vontade. Deite de bruços na maca, volto em dois minutos.

Ele não disse uma palavra; só ficou parado ao lado da cadeira e tirou a camiseta cinza pela cabeça. Ele era militar, definitivamente. Considerando o corpo sólido e a cabeça quase raspada, ele todo se declarava soldado. Vivi em bases do exército a vida toda e conhecia o perfil. Ele dobrou a camiseta e a colocou na cadeira. Quando os dedos tocaram a calça de moletom, eu o deixei sozinho para se despir.

6

Tirei o celular do bolso do jaleco e li a primeira linha de uma mensagem de texto do meu pai: *Nos vemos hoje à noite. Estelle vai preparar uma de suas melhores receitas!* Eu era capaz de citar pelo menos mil coisas que preferia fazer, mas era isso que nós três (às vezes quatro) fazíamos toda terça.

Eu só tinha perdido um jantar em família desde que saí de casa um ano atrás, quando meu pai foi com Estelle no trailer da família à formatura militar de um parente distante. Então, tecnicamente, não fui eu que perdi. Eles mantiveram a rotina do jantar de terça mesmo viajando, enquanto Elodie e eu enchíamos a cara de pizza da Domino's.

Não respondi ao meu pai porque ele sabia que eu estaria lá às sete. Minha “nova” mãe estaria no banheiro fazendo cachos no cabelo, e nem teria começado o jantar, mas eu chegaria na hora. Como sempre chegava.

Fazia três minutos que eu tinha dito para o cliente de Elodie que voltaria para iniciar o tratamento, então puxei a cortina e entrei na sala. As luzes estavam baixas, e tudo estava no tom de roxo das paredes horrendas. As velas estavam acesas havia tempo suficiente para o ar exalar apenas o cheiro do capim-limão. Mesmo depois da minha noite agitada, aquela sala tinha o poder de me deixar mais calma.

Ele estava na maca no centro da sala com o cobertor branco puxado até a cintura. Esfreguei as mãos. As pontas dos meus dedos ainda estavam frias demais para tocarem na pele de alguém, então fui até a pia para aquecê-las. Liguei a torneira e nada. Já tinha me esquecido do aviso de Bradley, já que consegui passar a última hora sem precisar de água.

Esfreguei as mãos uma na outra e as coloquei em volta do *rechaud* na beirada da pia. Estava um pouco quente demais, mas funcionou. O toque do óleo na pele seria morno e ele provavelmente não repararia que estávamos sem água. Não era conveniente, mas era contornável. Eu esperava que quem tivesse trabalhado no último turno do dia anterior tivesse colocado toalhas limpas na estufa antes de ir embora.

— Você tem alguma área específica de preocupação ou tensão na qual gostaria que eu me concentrasse? — perguntei.

Nenhuma resposta. Será que já tinha adormecido?

Esperei alguns momentos para perguntar de novo.

Ele balançou a cabeça raspada no apoio para o rosto e disse:

— Não toque na minha perna direita. Por favor. — Acrescentou o “por favor” no final, como se só tivesse lembrado disso depois.

O tempo todo eu recebia pedidos para não tocar em certas partes. As pessoas tinham todos os tipos de motivos, de problemas médicos a inseguranças. Não era da minha conta. Meu trabalho era fazer o cliente se sentir melhor e oferecer uma experiência de cura. Acontece que sempre que eu não pedia o preenchimento da ficha sobre o tratamento, havia um pedido especial. Mali chamaria minha atenção por isso, sem dúvida.

— Pode deixar. Você prefere pressão leve, média ou intensa? — Peguei o frasquinho de óleo na prateleira. A parte de fora do frasco ainda estava muito quente, mas eu sabia que estaria na temperatura perfeita quando começasse a usá-lo.

Mais uma vez, não houve resposta. Talvez ele tivesse alguma dificuldade auditiva. Também estava acostumada a isso, uma das

dificuldades da vida no exército.

— Kael? — Chamei seu nome, mas não sei por quê.

Ele levantou a cabeça tão rápido que achei que o tinha assustado. Eu mesma dei um pulo.

— Desculpe. Eu só queria saber o nível de pressão que você prefere.

— Qualquer uma. — Ele não parecia saber o que queria. Devia ser a primeira vez. Botou a cabeça no apoio novamente.

— Certo. Só me diga se a pressão está fraca demais ou firme demais, e vou ajustando meu toque — orientei.

Eu tinha a mão meio pesada, e a maioria dos meus clientes gostava disso, mas eu nunca tinha trabalhado nele.

Quem sabia se voltaria? Eu diria que só umas quatro de dez pessoas que iam pela primeira vez realmente voltavam, e só uma ou duas viraram clientes assíduas. Nossa clínica não é grande, mas temos clientela regular.

— O óleo é de hortelã. — Bati o frasquinho no meu indicador. — Vou passar um pouco nas suas têmporas. Ajuda com...

Ele levantou a cabeça e a balançou de leve.

— Não. — A voz não soou ríspida, mas deixou claro que ele não queria que eu usasse óleo de hortelã. Certo...

— Tudo bem. — Fechei a tampa do frasco e abri a torneira.

Droga. A água. Eu me ajoelhei e abri a estufa de toalhas. Vazia. Claro.

— Hmmm, só um segundo. — Ele apoiou a cabeça novamente, e fechei a porta da estufa com força demais. Desejei que não tivesse soado mais alto do que a música. Aquela não estava sendo uma sessão tranquila...

7

Mali estava no corredor quando passei pela cortina em busca de toalhas.

— Preciso de água. Ou de toalhas quentes.

Ela levou o dedo aos lábios para me pedir para ficar quieta.

— Não tem água. Mas tenho toalhas. Quem não repôs o estoque?

Dei de ombros. Não sabia e não me importava; só queria uma toalha.

— Ele está na minha sala há cinco minutos e ainda não comecei.

Ao ouvir isso, ela se moveu mais rápido, desapareceu no outro lado do corredor e voltou com algumas toalhas quentes. Peguei-as da mão dela e joguei os embrulhos fumegantes de uma mão para a outra para esfriá-los. Quando voltei para a sala, balancei a toalha pelo ar uma última vez e a esfreguei nas solas dos seus pés descalços. A pele dele era tão quente ao toque que guardei a toalha e encostei as costas da minha mão no peito do seu pé para ter certeza de que ele não estava com febre nem nada. Eu não podia ficar doente. Literalmente. Os dias no plano de saúde do meu pai estavam acabando, e eu não tinha dinheiro para pagar um para mim.

A pele dele era tão quente. Levantei um pouco o cobertor e vi que ele ainda estava de calça. Aquilo era tão... estranho. Não sabia como massagear a outra perna, a que eu deveria massagear.

— Hmm, você quer que eu evite ambas as pernas? — perguntei

baixinho.

Ele assentiu, ainda com a cabeça no apoio. Continuei passando a toalha quente pelas solas dos pés, uma coisa que eu fazia para limpar óleo e sujeira. A higiene dos clientes... bom, vamos só dizer que variava. Algumas pessoas chegavam de sandálias depois de andarem por aí o dia todo. Mas não aquele cara. Ele devia ter tomado banho antes de vir. Gostei disso.

Comecei a massagear pela almofada dos pés, aplicando pressão e seguindo para o arco plantar. Havia uma linha mais alta na parte de baixo do pé esquerdo, mas eu não conseguia ver a cicatriz na escuridão. Deslizei o polegar pelo arco, e ele se contorceu um pouco na maca.

Eu estava acostumada a dividir o tempo das minhas sessões de uma hora com perfeição, uns cinco minutos em cada perna, então aproveitei o tempo extra para massagear os ombros. Muitas pessoas carregavam a tensão nos ombros, mas aquele cara... Se aqueles não eram os ombros mais duros nos quais eu já tinha trabalhado, com certeza chegavam perto.

Continuei mantendo as pernas cobertas pelo cobertor e trabalhando no pescoço, nos ombros, nas costas. Os músculos eram definidos, mas não volumosos nem duros sob meus dedos. Imaginei que o corpo jovem carregava peso havia muito tempo. Uma mochila, talvez. Ou só a vida mesmo. Ele não se expressou o suficiente para que eu lhe inventasse uma vida como fazia com Bradley e a maioria dos outros estranhos à minha volta. Havia alguma coisa naquele cara que mantinha minha imaginação controlada.

O couro cabeludo foi a última parte em que trabalhei. O relaxamento com a pressão suave costumava fazer as pessoas gemerem ou ao menos suspirarem, mas nada saiu dos seus lábios. Ele não deu um pio. Achei que talvez tivesse adormecido. Isso acontecia com frequência, e eu adorava. Costumava significar um bom trabalho. Quando a hora terminava, parecia que tinha acabado de

começar. Normalmente, eu pensava em coisas variadas: no meu pai, no meu irmão, no meu trabalho, na minha casa. Mas havia algo com aquele cara. Não pensei em nada.

— Foi tudo bem? — Às vezes, eu perguntava aos clientes, outras, não. Aquele cara era tão silencioso que eu não sabia se ele tinha gostado ou não.

Ele manteve o rosto no apoio, e mal o ouvi quando ele disse:

— Foi.

Certo...

— Tudo bem. Bom, vou sair e deixar você se vestir. Vejo você na recepção quando terminar. Leve o tempo que precisar.

Ele assentiu, e saí da sala, com uma certeza quase absoluta de que não receberia gorjeta.

8

Ouvi Elodie na recepção. Estava conversando com Mali, que pegava no seu pé por causa do atraso.

— Atendi seu cliente; ele está se vestindo agora — avisei à minha amiga. Não era ruim deixar que Mali soubesse que tudo estava resolvido, nenhum mal havia sido feito. Elodie sorriu para mim e inclinou a cabeça para o lado. Havia algo nela que a fazia se safar de quase qualquer situação.

— Me desculpe, Karina. Obrigada. — Ela beijou minhas duas bochechas. Eu me acostumei a isso na semana em que ela foi morar na minha casa. Não gostava muito de toques em excesso, mas com ela era difícil eu me encolher como faria normalmente.

— Não consegui dormir ontem. O abacate começou a chutar. — O sorriso ficou largo, mas consegui ver em seus olhos que ela não tinha descansado. Eu conseguia entender.

Mali colocou a mão na barriga de Elodie e começou a falar com o bebê. Eu já estava achando que ela perguntaria à barriga *o que houve, por que você não está sorrindo?*, mas Mali era carinhosa e gentil com crianças, até com as que ainda não tinham nascido. A forma como ela ficava tocando em Elodie me incomodava um pouco, mas a ideia do bebê chutando era empolgante, e sorri. Eu estava muito feliz pela minha amiga. O fato de ela estar tão sozinha aqui, com a família e a maioria dos amigos do outro lado do oceano Atlântico, me

preocupava. Ela era nova. Muito nova. Eu me perguntei se ela já tinha tido a chance de contar a Phillip que achava que tinha sentido o bebê se mexer no dia anterior ou mesmo se ele olharia os e-mails hoje. A diferença de fuso horário interferia na frequência das conversas que Elodie ou qualquer outra pessoa tinha com um soldado, mas ela estava se saindo bem, com elegância, como fazia com tudo. Mas, no fundo, eu morria de medo da proximidade do nascimento do bebê.

Os olhos de Elodie se desviaram para a cortina atrás de mim. Ela se iluminou como uma árvore de Natal, e foi até o cliente. Disse um nome que não consegui ouvir direito, mas que não parecia Kael. Deu dois beijos nas suas bochechas e o abraçou.

— Você está aqui! Não consigo acreditar que você está aqui! Como sabia? — Ela deu um gritinho e o abraçou de novo.

Mali assentiu para minha cliente seguinte, que estava entrando pela porta da frente.

— E você, de volta ao trabalho — disse ela.

9

Tina era uma das minhas clientes favoritas. Ela trabalhava em casa como terapeuta de família, e mais de uma vez me deixou usar a sessão de massagem como *minha* terapia. Eu não me sentia à vontade para fazer isso com muita gente, mas Tina não tinha ninguém para quem contar meus segredos. Pensar no quanto ela devia se sentir solitária em sua casa grande e vazia, jantando sozinha na frente da TV, me entristecia. Por outro lado, minha vida também era assim, então acho que eu não devia ficar triste por ela. Eu me sentia um pouco culpada pelo receio que me rondava: a vida de Tina era o futuro da minha?

Parecia que a sessão de hoje com ela não terminaria nunca. Tive que olhar o relógio de novo: faltavam dez minutos.

— E como estão as coisas com seu irmão? — perguntou. Coloquei o cabelo dela para o lado para poder me concentrar nos músculos tensos do pescoço. Tina tinha cortado os fios recentemente (ela chamava o estilo de Demi), mas odiou e começou a usar chapéus para esconder o novo corte. Ainda não dava para fazer um rabo de cavalo.

Não queria falar do meu irmão. Na verdade, não queria sentir o que sentiria se falássemos do meu irmão.

— Na mesma. Quase não tive notícias desde que foi morar com meu tio. Quem sabe quando ele volta? — suspirei e passei os dedos pelo pescoço de Tina.

— Ele já está estudando lá?

— Não. Ficam dizendo que vão fazer a matrícula, mas não fizeram. — Tentei não pensar muito no assunto, mas meu cérebro funcionava assim. Quando eu abria a porta do armário, tudo o que estava lá dentro despencava.

— Parece que eles não planejam fazer isso — observou Tina.

— É. Foi o que pensei. Ele não quer falar comigo, e a bolsa no curso técnico terminou mês passado.

Pontinhos de estresse surgiram nos meus ombros e pela minha coluna. Entendia o fato de Austin não suportar mais morar com o nosso pai, mas sentia um certo conflito; ele era meu irmão gêmeo, tinha vinte anos e não estava fazendo nada da vida. Não devia morar no estado vizinho com o tio de trinta anos que fedia a Cheetos e via pornografia *on-line* o dia todo, mas também não queria que ele morasse comigo. Era complicado. Ainda assim, não conseguia acreditar que meu pai tinha permitido que ele saísse de casa. Mas, ao mesmo tempo, eu não podia culpar meu irmão por ter saído. Novamente, complicado.

— Sinceramente, Karina, você não pode assumir a responsabilidade por isso. Não é bom para você, e, no fim das contas, vocês têm a mesma idade. Tá, ele é cinco minutos mais novo, se me lembro bem.

— Seis. — Sorri e movi as mãos por suas escápulas.

Eu sabia que ela estava certa, mas isso não tornou nada mais fácil. Movi as mãos por sua pele, usando um movimento de compressão.

— Você tem que decidir o que é melhor para você — insistiu Tina. — Você está começando um capítulo novo e devia ter a vida o mais livre de confusão possível.

Era mais fácil falar do que fazer.

— Vou perguntar ao meu pai se ele teve alguma notícia.

Tina não disse mais nada. Devia saber que falar sobre o jantar com minha “família” seria muito para mim àquela hora do dia. Então, só

apreciou o restante do tratamento enquanto meus pensamentos ferviam no cérebro.

10

Eram quase seis horas quando encerrei o dia. Tive mais três clientes depois de Tina, e cada um deles ocupou minha mente de um jeito diferente. Stewart (eu a chamava pelo sobrenome que estava bordado no uniforme) era auxiliar médica do exército e tinha os olhos mais bonitos que já vi. Ela me manteve ocupada falando de seu próximo posto — por causa do trabalho, ela podia ser mandada para quase qualquer parte do mundo. Então, ir para uma base no Havaí era como tirar a sorte grande. Foi bom vê-la tão feliz.

Algumas pessoas amavam as transferências comuns dos militares, e Stewart era uma delas. Ela era só um ano mais velha que eu, mas já tinha sido enviada para o Iraque, e duas vezes. E, nossa, como tinha histórias. Aos vinte e um anos, já tinha tido experiências que a maioria das pessoas não podia nem imaginar. Mas, quando essas experiências viravam lembranças... bom, elas começavam a se repetir na sua mente sem parar. Nunca passavam, nunca se acalmavam, viravam música de fundo que acabava se fixando em sua cabeça; sempre presente, porém tolerável. Eu sabia como era. O cérebro do meu pai era cheio desse clamor. Com seis idas ao Iraque e ao Afeganistão, sua música de fundo berrava pela nossa casa. Sua casa. Pensei em tudo isso com Stewart deitada na maca. Fiquei feliz por ela poder se abrir comigo, de poder se livrar do peso falando e dividindo um pouco da música de fundo. Eu sabia melhor do que a maioria das

peessoas que não era só o aspecto físico da massagem que reduzia o estresse, que ajudava um corpo a ganhar energia.

Era quase poesia a forma como Stewart falava da vida. Eu sentia cada palavra enquanto ela falava. Pensava nas coisas em que tentava tanto não pensar. Ela me conectava com sua história, e quando me contava tudo pelo que passou e tudo que sabia, me mostrava uma perspectiva diferente das coisas.

Por exemplo, Stewart falava muito que, nos Estados Unidos, menos de oito por cento dos cidadãos já tinham servido às Forças Armadas. Isso incluía todos os níveis, todos os veteranos que já tinham servido, ainda que só por um período curto. Das trezentas milhões de pessoas, menos de oito por cento. Era difícil, para mim, perceber isso considerando minha infância, indo de base em base, tentando fazer novos amigos, tentando me adaptar a estranhos em intervalos curtos de anos; não era a realidade para a maioria das pessoas. Para a maioria dos norte-americanos, pelo menos.

Menos de oito por cento? Parecia impossível um número tão pequeno. Do meu bisavô até meu pai, meus tios e primos espalhados pelo país (menos aquele otário com quem meu irmão estava morando), todo mundo ao meu redor usava uniforme ou morava com alguém que usava. O mundo nunca pareceu tão grande até Stewart e suas estatísticas. Ela falava muito durante as sessões, assim como Tina. Mas, diferentemente de Tina, Stewart não esperava que eu falasse. Eu podia me esconder atrás das experiências dela, muitas das quais me forçaram a segurar as lágrimas. Talvez fosse por isso que as suas sessões passavam tão rápido.

A água voltou logo depois que Stewart saiu. Lavei os lençóis e as toalhas e, enquanto esperava que meu próximo cliente ou alguém que estivesse passando na rua entrasse, fiquei trabalhando em uma *playlist* nova.

Elodie conseguiu estar ocupada com um cliente a cada vez que eu terminava com um meu. Estava doida para perguntar de onde ela conhecia aquele soldado com o nome estranho, mas sempre nos desencontrávamos. Normalmente, eu não me envolvia nos dramas dos outros, já bastavam os da minha vida, mas Elodie não conhecia muita gente ali. As únicas outras esposas de militar com quem ela conversava estavam no Facebook. Meu cliente seguinte era do tipo que dormia. Ele sempre apagava depois de cinco minutos, o que me deixou pensando no meu irmão uma hora inteira. Ah, e no quanto eu temia o jantar daquela noite. Sentia uma certa inveja de Austin por estar tão longe, na Carolina do Sul, dormindo até o meio-dia e trabalhando em meio período no Kmart.

Também pensei no amigo de Elodie, no fato de ele ter ficado de calça durante a massagem e que a quantidade de tensão no seu corpo não era saudável para um homem tão jovem. Ele não podia ter mais de vinte e dois anos. Provavelmente menos.

Meu último trabalho do dia foi uma nova cliente que me deixou uma boa gorjeta por uma massagem pré-natal de trinta minutos. A